CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A PORTO SUMMER SCHOOL ON ART & CINEMA
29 de junho de 2026

CORPO FECHADO – THE DEVIL'S WORK / 2018

Um filme de Carlos Motta

Realização, Argumento, Montagem: Carlos Motta / *Direção de Fotografia*: Mário Melo Costa / / *Apoio à Montagem*: Irit Batsy / *Música*: Ian Turner / *Som*: Bernardo Theriaga, Ian Turner / *Comissionado/Curadoria*: EGEAC/Galerias Municipais, Pedro Faro e Sara Antónia Matos / *Produção*: Anze Persin, Stenar Projects, João G. Rapazote, EGEAC/Galerias Municipais / *Coprodução*: EGEAC/Galerias Municipais (Lisboa, Galeria Vermelho (São Paulo), Mor Charpentier Galerie (Paris), P.P.O.W. (Nova Iorque) / *Assistência de Produção*: Camilo Godoy, Ines Lima, Stenar Projects, Lisboa / *Assistência à Pesquisa*: João Gaspar, Julio Rodriguez / *Interpretações*: Dario Azzellini (Saint Peter Damian's voice), Paulo Pascoal (José Francisco Pereira), John Arthur Peetz (The Monk), Vicente Wallenstein (The Conquistador) / *Cópia*: Digital, a cores, falado em português, latim, texto em castelhano e em inglês, com legendagem eletrónica em português / *Duração*: 24 minutos / *Estreia Mundial*: 10 de fevereiro de 2018, exposição "Carlos Motta: Corpo Fechado", na Galeria Avenida da Índia, curadoria de Pedro Faro e Sara Antónia Matos / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca*.

KIKI / 2016

Um filme de Sara Jordenö

Realização: Sara Jordenö / *Argumento*: Sara Jordenö, Twiggy Pucci Garçon / *Direção de Fotografia*: Naiti Gámez / *Montagem*: Rasmus Ohlander / *Produção*: Lori Cheatle, Annika Rogell / *Produção Executiva*: Tobias Janson / *Assistência de Produção*: Maja Brantås / *Gestão de Produção*: Gabriel Sedgwick / *Consultoria de Desenvolvimento*: Antonio Russo Merenda / *Música*: DJ MikeQ / *Som*: Taylor Roy, Christopher P. Thomas / *Participações*: Loretta Coombs, Takima Coombs, Afrika Juicy Couture, Bootz Juicy Couture, Aisha Diori, Twiggy Pucci Garçon, Dorkon 'Dorjie' Hilton, Dice Pink Lady, Divo Pink Lady, Gia Marie Love, TreySean Marciano, Jonovia 007 Milan / *Cópia*: DCP, a cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração*: 96 minutos / *Estreia Mundial*: 26 de janeiro de 2016, Sundance Film Festival / *Inédito nas salas comerciais em Portugal, com passagem no Queer Porto, em outubro de 2016* / *Primeira passagem na Cinemateca*.

Duração total da projeção: 120 minutos

Sessão com apresentação.

***

A extensão da exaustividade de **Kiki**, ao dar a conhecer e a descobrir a "Kiki scene" nova-iorquina em geral e a prática do *voguing* em particular, é mais do que justificada. A dança sugere, desde o início, tanto uma forma de libertação como de afirmação. Pondo noutros termos, o *voguing* propõe, pela objetiva de Jordenö, um modo emancipatório de afirmação de toda uma comunidade de pessoas, "corpos" maltratados e invisibilizados. Não se trata aqui de explorar para lá do necessário a dimensão competitiva ou a organização desta subcultura em

"famílias" ou "casas", mas de permitir que se entreveja uma rede de relações algo complexa e, ao mesmo tempo, contar as histórias individuais dos membros que dançam e desfilam – *desfilam dançando* – nos vários "bailes" que promovem a reunião – mais do que o "choque" – entre as diferentes "turmas". Não se dramatiza uma ideia de competição, pois esta é potencialmente "segregacionista", algo que a prática em questão não o é por natureza. Aliás, e desde logo, os movimentos do corpo são determinados e fluídos, afirmativos e impantes, superando tons de pele, tipologias corporais e sobretudo géneros fixos. O palco é de todos, ainda que cada um, na sua vez, tenha tempo de filme para revelar aspetos do respetivo trajeto de vida, os desafios por que passou até se tornar um "voguer", nomeada e mormente a discriminação e incompreensão sofrida no quadro familiar.

Falei em "casas", mas também os líderes ou as líderes recebem o título de "mães". Há a família de onde vêm – que tantas vezes é um lugar de rejeição e de violência – e há a família que os acolhe – onde a emancipação se faz através da dança, da confraternização, em sessões, algo catárticas, de preparação para os tais encontros e nos ditos "bailes de salão". Digamos que o dispositivo formal também é, ele próprio, fluído e não-binário, no sentido em que a câmara decide aventurar-se, nalgumas das sessões de "treino" destas coreografias, em modo observacional, mas por vezes acedemos ao relato particular, à história de vida de alguns dos membros, mediante o modelo de entrevista e "talking head". Entre ambos os dispositivos estão as cenas – as mais interessantes de todo o documentário – em que o drama se resume normalmente a apenas um corpo em ação, dançando e desfilando para um auditório virtual que somos nós. Dir-se-ia que **Kiki**, através desta mescla de soluções formais e dramatúrgicas, nunca sossega ou dá sossego, transformando a energia positiva que emana destas comunidades em combustível cinematográfico, nunca se deixando domar por um modo único e fixo de narração das histórias que, juntas, contam a história maior desta vibrante "cena nova-iorquina".

Como é que uma realizadora sueca se deparou com este assunto? Explica a própria em entrevista concedida ao portal *Red Bull Music Academy*: "Sou do Norte da Suécia, de uma cidade muito pequena com apenas 6 000 habitantes. Foi através da teoria *queer* que comecei realmente a conhecer o *ballroom*. Depois estava a fazer um projeto no Harlem (...) e simplesmente acabei por me cruzar com a Twiggy e a Chichi. Fiquei tão impressionada com elas que, depois, marcaram uma reunião comigo e apresentaram-me toda a subcultura que eu não fazia ideia que existia – sobretudo a parte da liderança e da mentoria." Ora, ao olhar 360 graus de Sara Jordenö, em diálogo com Twiggy e Chichi, não foge, claro, a dimensão sociocultural mas também económica ou "empresarial" do fenómeno. É isso que se percebe perto do fim: aquilo que inicialmente fora encarado como um processo de acolhimento e de reparação identitária, ao serviço de uma comunidade específica particularmente lacerada e vexada, corre um certo risco de se transformar numa forma de "entrepreneurship" de alcance global.

Como perto do final revelam duas das mais influentes "mães", pioneiras "lendárias" de todo este "movimento", o objetivo principal é agora o da internacionalização, tanto ao jeito de um "voguers de todo o mundo, uni-vos!" como da verificação de que o *voguing* se converteu num tipo de serviço ou numa *trend* de crescente impacto. Sente-se um misto de sensações nesses momentos finais, por a escala aumentar e a subcultura se tornar cada vez mais "mainstream", talvez em prejuízo de alguns dos propósitos iniciais. De qualquer modo, como dita a lei do "realismo capitalista", não há como escapar à inevitabilidade do *voguing* se tornar em produto para todos. Porventura aí a causa já não seja uma de afirmação e de terapia mas de pura expressão artística e terapêutica de corpos com feitios diversos, "todos diferentes, todos iguais"; de "todas as cores e de nenhuma cor em particular", em estupenda, impante e orgulhosa manifestação pública. Assistimos, então, à emergência de um novo gregarismo, moderno e

urbano, baseado na cultura LGBTQI+, a levantar voo e a conquistar outras latitudes muito para lá desta cena específica.

Se "puxarmos o filme atrás" nesta sessão, podemos e devemos questionar: de onde vem tal necessidade de libertação? Descolonizar a história a partir do corpo, reparando-o em matéria de injustiças e discriminações, que ainda o assombram ao dia de hoje, parece ser a proposta contida no filme/vídeo-instalação do artista colombiano Carlos Motta, sugestivamente intitulado **Corpo Fechado**. É de "corpos abertos" que **Kiki** fala – são eles o objeto de ação e de escuta nos vários palcos que animam as margens da vida nova-iorquina –, mas atrás do *vogue* também se desfralda uma narrativa marcada pela opressão, algo que é evidenciado neste trabalho comissariado para uma exposição com curadoria de Pedro Faro e Sara Antónia Matos.

De um lado, o corpo em progressiva libertação ou preparando a rebelião, por via do gesto e da palavra, do homem negro, aqui encarnando a figura simbólica e mítica do Anjo da História, teorizada pelo filósofo alemão Walter Benjamin. Do outro lado, a história da igreja católica como força opressiva e exploratória, visando homens racializados ou os ditos "sodomitas", e, assim, protegendo as costas aos avanços coloniais portugueses ao longo dos tempos. No corpo inscreve-se, como quem tatua, esta espécie de "geografia da dor", a partir do exemplo histórico de José Francisco Pereira, um homem do século XVIII que foi sequestrado na África Ocidental e vendido como escravo no Brasil.

Numa rede de ideias, imagens e alegorias para a qual confluem alguns dos conflitos maiores da (nossa) história, Carlos Motta adensa questões enquanto as expande numa constelação de objetos. O trabalho de Motta é plural e multiartístico, não se fixando numa única forma de expressão. Nesse sentido, importa ver e ouvir **Corpo Fechado** como um "elemento entre outros" inserido numa economia visual e narrativa mais lata, que integra diversas formas de expressão, da escultura à fotografia, passando pela filosofia e a dança. O motivo ou a motivação parece ser também a de provocar um modo expansivo e intertextual de leitura da história, um *modus* crítico – e estético – que nos permita olhar para a história como matéria moldável e suscetível de uma visão divergente daquela que pontua as narrativas de poder mais institucionais, por vezes altamente dicotómicas e enviesadas; lições disseminadas como se fossem, enfim, "palavra do Senhor". A história é revista, assim, mediante um corpo aberto ou libertado. O filme de Carlos Motta, cuja centralidade dramática é conferida ao corpo performativo de Paulo Pascoal, propõe-se, deste modo, promover uma salutar abertura crítica e histórica. Estejamos também nós abertos a ela.

Luís Mendonça